

“POR FORA – VIU NO ESPELHO – ELA ERA UMA COISA SECA COMO UM FIGO SECO”: BELEZA E IDENTIDADE CAMBIANTE EM UM CONTO DE CLARICE LISPECTOR

*Juliana Gervason Defilippo**

*Helaine Ribeiro***

RESUMO: O presente artigo propõe uma leitura do conto *A procura de uma dignidade*, de Clarice Lispector, segundo a perspectiva de que é possível identificar a maneira como a personagem se forma a partir da valorização da beleza, ilustrando a predominância da estética por meio do uso da maquiagem, da moda e de demais artifícios de embelezamento, seja para se mascarar ou para se transformar em uma mulher mais atraente. No entanto, quando essa mulher se descobre sem maquiagem ou acessórios, a partir da real percepção do ser e de seu interior, ocorre uma libertação que machuca e a leva a uma crise de identidade. Este estudo sinaliza, portanto, que a beleza, no tocante ao espaço literário, não pode ser vista como mera futilidade, mas sim como elemento formador. Vislumbramos, no conto em cotejo, o empenho em ser bela e demonstrar à sociedade uma imagem que não traduz verdadeiramente o seu eu interior. Clarice, deste modo, realiza uma crítica à cultura patriarcalista da época, desconstruindo os estereótipos moldados pelo modelo falocêntrico. Há, portanto, na personagem do conto, a incerteza em ser aquilo que a sociedade patriarcalista dela espera (no que concerne a comportamento e beleza) e o que, no seu íntimo, ela deseja ser na realidade. O presente artigo contribui com reflexões relativas à figura feminina enquanto sujeito singular e integrante da sociedade, a partir da análise das máscaras forjadas às personagens cambiantes, na Literatura clariceana.

PALAVRAS-CHAVE: *A procura de uma dignidade*; Beleza; Clarice Lispector; Identidade feminina.

Introdução

No decorrer dos últimos anos, Clarice Lispector tem sido gradualmente descoberta pelo grande público. Seus livros, outrora conhecidos e desvendados apenas por leitores de alma já formada – como a própria autora alude na introdução da obra *A paixão segundo GH* – ou difíceis até mesmo para professores de Literatura – conforme cita em uma de suas crônicas –, são agora cultuados em livrarias e lançados em edições especiais. Além disso, nos últimos tempos, a escritora tornou-se um ícone de citações na Internet. Paralelamente, suas traduções nos Estados Unidos ganharam um novo fôlego, sendo coordenadas por pesquisadores como Benjamin Moser, responsáveis por expandir seu nome para além das fronteiras nacionais.

A partir de uma breve pesquisa, apenas no Brasil é possível encontrar mais de três mil e setecentas dissertações e teses a respeito da obra literária de Clarice Lispector, sendo as primeiras sete ocorrências registradas no ano de 1987, com um salto para duzentos e

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Realiza estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-RJ) sob a supervisão do Prof. Dr. Karl Erik Scholhammer (2018-2020). Professora Titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (Ces/JF).

** Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro Universitário Academia. Professora da Universo, Juiz de Fora.

cinquenta e um no ano de 2016. Os números vêm crescendo progressivamente e parece não haver limites para explorar sua obra. Pesquisadores da área de Ciências Humanas, especialmente aqueles provenientes do campo relativo aos Estudos Literários, sabem que números não dizem nada por si mesmos, embora signifiquem muita coisa. O legado literário de Clarice Lispector, inesgotável em suas abordagens, é sistematicamente validado e redescoberto diante de cada um dos estudos refletidos nesses números. Em poucas palavras: já dissemos muito, mas estamos longe de ter dito tudo a respeito dos textos clariceanos – felizmente. Além dos Estudos Literários, outras áreas do saber já exploraram o legado de Lispector, tais como Filosofia, Antropologia, Psicologia, Educação, Cinema e Linguística. Causa-nos estranheza, porém, perceber que na Arte, por exemplo, sua obra ainda é pouca explorada. Talvez porque misticismo, epifania, feminismo, existencialismo e fluxo de consciência sejam mais legitimados do que aspectos como beleza – ao menos no que concerne à maquiagem e à moda.

As páginas femininas escritas pela autora foram descobertas de forma muito recente nos estudos da área e só nos últimos anos os pesquisadores têm lhes dedicado olhares mais depurados e despidos de preconceitos. A própria editora Rocco, hoje detentora dos direitos de publicação dos livros de Clarice Lispector, parece ter realizado esse movimento quando, nos anos de 2006 e 2008, publicou a reunião dos textos em duas obras que graficamente parecem recreativas e nada críticas dentro da fortuna literária clariceana. Mais tarde, no ano de 2018, a mesma editora gerou um novo movimento, a partir da publicação que reúne os textos em uma edição mais requintada, como se a validação agora fosse algo permitido.

Nas páginas de suas produções literárias, é possível perceber uma autora ciente da importância da beleza para a construção da identidade feminina. Entre os anos de 1950 e 1960, Clarice assinou colunas femininas para publicações em jornal. Nesses espaços, utilizando-se de pseudônimo ou assumindo o papel de *ghost writer*, elaborou dicas sobre comportamento e cuidados estéticos, dissertando a respeito da estética para um público feminino ávido por novidades, principalmente aquelas concernentes aos campos da beleza e da moda.

As páginas femininas escritas por Clarice demarcam um território não ficcional, o qual opera como eco da sociedade e de seus padrões de beleza, sobretudo aqueles impostos às mulheres. Em alguns contos, no entanto, notamos, de forma menos explícita, a presença da mesma discussão, partindo de questões que contornam temas acerca de moda e beleza e permitindo ampliar ainda mais a leitura de suas personagens femininas.

Em que sentido os padrões sociais anulam a identidade feminina coloca-se, portanto, como uma questão a ser explorada no presente artigo. Ao maquiar-se, a mulher dos contos

de Clarice realiza tanto um movimento de realce, quanto de anulação do próprio eu, sendo possível perceber que esta dinâmica se dá no plano individual e social. Os conselhos femininos ofertados às leitoras dos jornais idealizam máscaras as quais apenas serão libertadas nas narrativas ficcionais. Quando em confronto com a própria existência, as personagens clariceanas se percebem prisioneiras de adornos e rituais de beleza femininos que contribuem para anular quem elas realmente são.

Utilizando-se de elementos da beleza, os autores desenham e dão vida aos seus personagens. Para tanto, descrevem, de maneira sutil ou minuciosa, formas, cores e cheiros, construindo e desconstruindo as figuras que farão parte da trama. Sem esses fatores, o leitor certamente seria privado da riqueza dos detalhes responsáveis por aguçar a imaginação e por tornar a história mais palpável. A beleza não pertence, portanto, ao campo da futilidade: ela é um espaço de discussão que transita nos contextos social e literário como uma expressão não verbal que, de forma consciente ou não, muito diz sobre o indivíduo em questão. Clarice Lispector utilizou tal artifício visual em seus contos e romances de maneira enriquecedora, atribuindo detalhes aos protagonistas e explorando o belo de forma a conduzir seus textos com especial realce para os aspectos femininos ora exigidos pela sociedade, ora empregados por suas personagens para que pudessem se mascarar de si e/ou em relação aos outros.

Dialogar com esses caminhos, a partir da análise e da interpretação referentes à maquiagem e à sua utilização nos contos de Clarice, figura como oportunidade de se recuperar de deslocamentos injustos nos quais ela é inserida a todo o momento, com especial destaque para o campo acadêmico. Afinal, nos textos da autora, o tema da beleza não é tratado de maneira supérflua. Ao contrário, é por intermédio da abordagem dessa temática que a autora descreve as personagens, agregando às narrativas mais sentidos e significados, criando nas malhas de sua Literatura, rica e já tão explorada pela grande crítica, outros viáveis trajetos a se percorrer.

A despeito do fato de que muitas questões centrais levantadas no presente artigo são amplamente encontradas tanto nos contos, como nos romances clariceanos, optamos, neste momento, por realizar uma análise mais detalhada da personagem Sr.^a Jorge B. Xavier, do conto *A procura de uma dignidade*, publicado no livro *Onde estivestes de noite* (1999), tendo como foco, entre outros pontos, a sua descrição física. Percebemos que elementos como maquiagem, penteado e vestimentas merecem um lugar de destaque e são devidamente detalhados no transcorrer da narrativa. Assim, faz-se notável a presença de ingredientes da beleza sendo utilizados a todo o momento para fins de sedução, conquista e, ao mesmo tempo, também como anulação e descaracterização das personagens. Ao longo da narrativa, percebemos um

despir-se de máscaras – diretamente atinentes à maquiagem ou às vestimentas as quais utiliza – para enfim reconhecer-se.

No conto *A procura de uma dignidade* ocorre a desconfiguração e a desfiguração da mulher pois a Sr.^a Jorge B. Xavier, enquanto se maquia, também se constrói e se percebe. Porém, diante do espelho, ao se desfazer da maquiagem, do penteado e das vestimentas, não se reconhece mais. Ao se despir de suas roupas, animaliza-se. Sem a maquiagem, já com os cabelos soltos, percebe-se desconhecida para si mesma. Esse deslocamento, atrelado ao movimento epifânico pelo qual passa a personagem, a orienta no sentido de que possa se compreender enquanto indivíduo, desconstruindo-se para, então e talvez, reconhecer-se:

Então começou a desmanchar o coque dos cabelos e a penteá-los devagar. Estavam precisando de nova pintura, as raízes brancas já apareciam [...]. Seus lábios levemente pintados ainda seriam beijáveis? Ou por acaso era nojento beijar boca de velha? Examinou bem de perto e inexpressivamente os próprios lábios. (LISPECTOR, 2016, p. 449)

O trecho em destaque revela que nos contos da autora há uma preocupação expressiva com a beleza que circunda suas personagens, demonstrando o evidente diálogo entre o maquiarse, o pentear-se e o vestir-se para a construção ou desconstrução da identidade dessas mulheres. Tal preocupação está presente na sociedade brasileira, circundando de tal maneira a vida da mulher a ponto de modificar sua representação no decorrer de muitos anos, como afirma a historiadora Mary del Priori (2013):

Enquanto poetas e viajantes despiam o que a sociedade cobria, uma rede de objetos, matérias, cores e odores buscava transformar o corpo feminino – dissimular, apagar, substituir as imperfeições graças ao uso de pós, perucas, unguentos, espartilhos e tecidos volumosos era comum. A pele azeitonada, a robustez física, as feições delicadas e a longa cabeleira passavam por processos feitos de bens e serviços, utensílios e técnicas, usos e costumes capazes de traduzir gostos e rejeição, preceitos e interditos – muitos deles, aliás, já bem conhecidos na Europa moderna. Lá, desde o século XVI circulavam livros de receitas – os segredos – de beleza. A cosmética evoluía. A depilação das sobrancelhas, a pintura dos olhos e dos lábios, a coloração das maçãs do rosto, o relevo dado à fronte atestavam uma nova representação da mulher. Preparações variadas desdobravam-se em maquiagens pesadas, muito parecidas a máscaras. (DEL PRIORI, 2013, p. 112)

Em paralelo, temos uma autora ciente dos significados da beleza para a construção da identidade feminina. Isso porque, entre os anos de 1960 a 1970, Clarice assinou colunas femininas para publicações jornalísticas. Em tais colunas, utilizando-se de pseudônimos ou assumindo o papel como *ghost writer*, elaborou dicas e dissertou sobre beleza diante de um público feminino ávido por novidades, principalmente no que concerne à beleza e à moda.

A trajetória de uma bela e triste senhora mascarada

A procura de uma dignidade narra um dia na vida da Sr.^a Jorge B. Xavier, uma mulher de quase setenta anos de idade, dependente do marido, às margens de um casamento tradicional, em conflito diante do próprio envelhecimento e de um autorreconhecimento tardio. A leitura da narrativa nos orienta a perceber a ausência de identidade da protagonista, sobretudo no início do conto quando, ao ser nomeada, é identificada pelo que pressupomos ser o sobrenome do marido, Jorge B. Xavier, enquanto apenas o pronome de tratamento feminino – senhora – nos permite identificá-la como mulher. Suas atitudes e seus traços revelam polidez, discrição e delicadeza extremas, o que reforçam, paralelamente ao nome e aos demais dados fornecidos no decorrer da trama, uma posição de submissão feminina.

A personagem é introduzida e lançada no conto em um espaço que não conhece, perdida no meio do Estádio do Maracanã em um dia duplamente atípico, pois o local está deserto e o clima não condiz com a época, muito menos com seus trajes. Nesse dia, ela havia saído em busca do lugar onde aconteceria uma conferência, porém, sua desatenção a levou para esse outro estranho destino. A personagem está em constante busca por aparentar jovialidade, seja recorrendo a ambientes culturais, seja na maneira como se veste ou se maquia. Ao se perder no interior do Estádio do Maracanã, completamente vazio, diante de um labirinto que metaforicamente representa sua própria vida, seu destino de mulher clama por uma porta de saída – tal motivo é circularmente retomado ao término do conto por intermédio de um silencioso grito de desespero, uma imagem paradoxal e comumente presente na obra de Clarice.

Em certa passagem da narrativa, a Sr.^a Jorge B. Xavier ajoelha-se nua, e logo em seguida fica de quatro, comparando-se a uma cadela. Esta animalização da personagem sugere e revela certo movimento de anulação, para, em seguida, ocorrer uma busca de essência, partindo do primordial para transcender a individualidade, pois apenas nos reconectando a nós mesmos é que nos tornaremos capazes de entender nossos impulsos – e assim refazeremos o feminino perdido. A imagem da figura feminina olhando-se de frente para o espelho é bastante comum na obra clariceana, principalmente na contemplação sobre a maquiagem e sobre o poder de se fantasiar. Se a descoberta do íntimo ocorre frente ao espelho, no confronto com a própria alma, a Sr.^a Jorge B. Xavier, ao se deparar com seu reflexo, questiona sua existência, sua sexualidade, sua vida e sua morte.

Neste conto podemos perceber que Clarice Lispector expressa o comportamento feminino típico dos anos 1970, contemplando, em seu discurso, a busca pela identidade, a emancipação sexual e, por fim, refletindo sobre a submissão feminina. A liberdade e o

feminino entrelaçam a história, descrevendo uma confusão mental trazida pelo sistema cultural ou pelos padrões vigentes à época.

Diante dessa síntese relativa ao conto selecionado para a análise, realizaremos, a seguir, uma apreciação mais direcionada aos aspectos subjetivo e objetivo atinentes à personagem Sr.^a Jorge B. Xavier.

Sr.^a Jorge B. Xavier é uma protagonista discreta, cuja descrição é desenvolvida com base em viés mais subjetivo, impedindo o leitor o trabalho de composição objetiva em relação aos seus traços, uma vez que não é possível enxergá-la nitidamente. Entretanto, é possível, ainda assim, identificar os moldes dos padrões de beleza almejados pela sociedade, seja no que concerne aos aspectos de natureza estética, seja no campo inerente ao comportamento.

Neste conto há a dependência da personagem em relação a outro indivíduo. A Sr.^a Jorge B. Xavier, por exemplo, a todo o momento necessita de alguém para ajudá-la, seja para retirá-la do Estádio do Maracanã, seja de uma mulher que lhe ofereça carona para regressar à sua casa, seja ainda de um taxista que a auxilie a se lembrar do próprio endereço. Em meio a essa dependência, a mulher surge como um ser desgastado física e emocionalmente. Ao ser questionada pelo taxista acerca do endereço de destino, torna-se incapaz de pronunciar o nome da própria rua em que morava, denotando a insegurança de seus atos, o que a impossibilita de tomar uma decisão autonomamente, deixando-se à revelia da decisão de outra pessoa – quase sempre uma figura masculina.

Fruto de uma sociedade patriarcal e de uma educação feminina tradicional que a submete à dependência, a protagonista em destaque sintetiza a incapacidade feminina de decidir por si própria ou de escolher um rumo para a própria vida. Essa forma de educação revela, na narrativa em questão, uma personagem em busca de aceitação. Para isso, comporta-se de diversos modos: é discreta, fina, esconde os seus defeitos e, por fim, revela-se uma mulher aparentemente ideal. O padrão ideal, portanto, é por ela evidenciado nas atitudes – bons modos, boa educação ou habilidade com as etiquetas – e por meio da maneira de se vestir ou se maquiar. Além desse comportamento, ela se preocupa constantemente com o que o outro irá pensar a seu respeito. A necessidade de se sentir jovem também perpassa a construção da personagem ao demonstrar uma constante busca em se nutrir de cultura, pois supõe que, ao se manter bem informada, poderá alimentar a sua juventude. A Sr.^a Jorge B. Xavier só é capaz de reconhecer sua verdadeira identidade quando se olha no espelho, visualizando o que de fato é, sem anular-se. Corroborar com esta visão a pesquisadora Tayza Codina de Souza (2013) ao dissertar que

[...] a imagem da mulher ao espelho é frequente na obra clariceana, principalmente da reflexão sobre a maquiagem e o poder de mascaramento. Se o encontro com o mais profundo de si mesmo ocorre frente ao espelho, no embate, no desbravamento das camadas subterrâneas da alma, a maquiagem funciona apenas como um muro. Sendo assim, quando a personagem toma conhecimento da sua identidade, do seu eu, geralmente a “máscara” construída tornar-se estranha ao rosto. (SOUZA, 2013, p. 4, grifo da autora)

No decorrer do conto, é possível perceber a descoberta em relação à própria identidade quando, por exemplo, a personagem se despe e solta os cabelos. Paralelamente, ela reconhece a própria identidade quando percebe que o desejo que poderia despertar, no próximo ou nela mesma, não acontece:

Numa fração de fugitivo segundo quase inconsciente, vislumbrou quase todas as pessoas anônimas. Porque ninguém é o outro e outro não conhecia o outro. Então – então a pessoa é anônima. E agora estava emaranhada naquele poço fundo e mortal, na revolução do corpo. Corpo cujo fundo não se via e que era a escuridão das trevas malignas de seus instintos vivos como lagartos e ratos. E tudo fora de época, fruto fora de estação? Por que nunca lhe tinham avisado as outras velhas que até o fim isso podia acontecer? Nos homens velhos bem vira olhares lúbricos. Mas nas velhas não. Fora de estação. E ela viva como se ainda fosse alguém, ela que não era ninguém. (LISPECTOR, 1999, p. 17)

O pesquisador Claudio Carvalho (2001), em artigo no qual analisa a obra de Hilda Hilst, apresenta-nos à seguinte afirmação acerca da escritora feminina:

A personagem Hilda Hilst é mais uma das mulheres divididas, personagens características de várias narrativas de autoria feminina dos anos 70 e 80 no Brasil. Há na longa nênia urdida pela personagem, um afastamento radical dos parâmetros culturais do patriarcado. Entretanto, no nível do que é narrado, a perda do marido, do pai e do Deus protetor é vista pela narradora não apenas como libertação, mas como causadora de um insuportável estado de desamparo. (CARVALHO, 2001, p. 109)

Podemos dizer que a Sr.^a Jorge B. Xavier é uma mulher dividida, semelhante às personagens mencionadas por Carvalho (2001), presentes na obra de Hilda Hilst. Ela representa uma mulher em busca de sua própria identidade, vivendo uma crise existencial e, portanto, mergulhada no desamparo. A solidão se deve ao fato de seu marido estar viajando. Logo, busca frequentar aulas para preencher seu dia, perdendo-se no caminho, sentindo-se ainda mais desamparada quando retorna para sua casa. Na falta de seu esposo, ela perde o papel de esposa e de dona de casa. Com a identidade fragmentada, portanto, sente-se perdida. Segundo ainda Claudio Carvalho (2001),

[...] a mulher dividida (...) apresenta uma interessante tensão entre uma enunciação que rompe com os trâmites discursivos do patriarcado e um enunciado que

explica o fracasso de uma mulher que não consegue viver sem a proteção do marido, do pai e de Deus. (CARVALHO, 2001, p. 111)

O conto é a representação clara da figura da mulher desprotegida, o que não significa que ela necessite de alguém, mas que na realidade não fora ensinada a viver sem a figura patriarcal. E como isso não lhe foi devidamente ensinado, não sabe conduzir sua própria vida desvinculada de um outro.

É possível encontrar em *A procura de uma dignidade* um eu que fantasia com Roberto Carlos, um eu que se perde na rua e um eu que diante da pia, grita. Novamente, de acordo com Claudio Carvalho (2001),

[...] uma das características típicas da pós-modernidade é o chamado descentramento do sujeito. No campo literário, personagens centradas, marcadas pela subjetividade imperial do código cartesiano, dão lugar a uma multiplicidade de vozes que, entretanto, podem partir do interior de uma mesma personagem. Trata-se de uma espécie de polifonia ainda mais radical do que a normalmente compreendida através dos desdobramentos do pensamento de Bakhtin. Não são várias vozes de fora que se articulam numa narrativa complexa. O pensamento estético pós-moderno parece ter compreendido que todos somos múltiplos e contraditórios desde o mais recôndito interior. (CARVALHO, 2001, p. 112)

Na narrativa clariceana selecionada, a maquiagem serve para anular a personagem, silenciá-la sua voz e a igualar a outras mulheres, apagando a sua multiplicidade para seguir o padrão da época. Paralelamente ao conto, é possível aqui nos referirmos aos textos das colunas femininas de Clarice, atestando tais características comportamentais:

A boa aparência faz com que a pessoa se sinta mais feliz e com um sentimento de segurança que muito a ajudará na vida. A boa opinião que fazem de nós é na realidade muito mais importante do que admitimos a nós mesmos. Não estamos em beleza, perfeição de traços, mas a um correto modo de se preparar e fazer o “make-up” que ajude a mulher a parecer bela, mesmo quando seus traços são irregulares. (LISPECTOR, 2006, p. 19, grifo da autora)

Para Claudio Carvalho (2001), debruçando-se ainda sobre Hilda Hilst, o descentramento do sujeito corresponde ao ponto de partida. Também em Clarice, verificamos que mais do que uma busca pela própria identidade, seu conto revela o desejo de nadificação. Ao se maquiarem e se adornarem seguindo as tendências de estilo da época, a personagem torna-se outra mulher, partida.

A moda e a maquiagem na construção e constituição da beleza feminina

Na presente seção, analisaremos, primordialmente, alguns aspectos relativos à história da beleza e de sua relação com a maquiagem. Como este artigo não pretende aprofundar tal

tema específico, mas verdadeiramente relacioná-lo à produção clariceana, nosso foco estará voltado apenas aos fatores que serão capazes de dialogar com o *corpus* literário desta pesquisa.

Conforme apontado pelo crítico Umberto Eco no livro *História da beleza* (2012), a expressão “belo” é comumente utilizada para definir algo que nos agrada, e por muitas décadas guardaria íntima relação com o termo “bom”. Nesse sentido, temos como bom aquilo que desejamos possuir, já que aguça o nosso desejo. Dito isso, segundo Eco (2012), quando alguém discorre sobre beleza, está fazendo referência a um bem que desperta desejo. Entretanto, ainda segundo o autor, essa premissa não é absoluta ou estática. Assim, é autêntico afirmar que o conceito de beleza não é imutável ou absoluto, tendo assumido, portanto, no decorrer dos séculos, inúmeras faces, segundo o período histórico em que estava inscrito.

Seja na forma de dar novos significados à existência dos indivíduos por meio da imagem que cada um deseja transmitir, seja na representação de poder ou empoderamento em relação ao lugar que alguém almeja ocupar na sociedade, a relação com o belo revela muito sobre um indivíduo, podendo transparecer algo contrário à sua real essência. Segundo a pesquisadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2014),

[...] para muitos brasileiros, ainda existe a ideia da boa aparência como um dom, não mais unicamente divino, e sim oriundo, também, da ciência e da tecnologia. No limite, a beleza fruto do trabalho diário – regimes, ginástica, uso de cosméticos – seria menos credível (e muito mais penosa) do que aquela resultante da arte e da ciência do bisturi. Mas isso obviamente não explica todo o sucesso das cirurgias plásticas no Brasil. Há outros fatores. Por exemplo, para milhares de brasileiros, “melhorar o visual” é concebido como um meio de, finalmente, corrigir uma injustiça. Se, no passado, essa decisão podia ser acompanhada por um sentimento de culpa, hoje, ao contrário, muitos esperam, por meio do sucesso cirúrgico, livrar-se de uma aparência julgada inferior, que não combina com o que eles pensam deles mesmos. “Dar um up na aparência” representaria ainda uma prova de autoestima e, ao mesmo tempo, um meio de potencializar-se. (SANT’ANNA, 2014, s/p, grifos da autora)

A beleza tem papel importante na construção da identidade dos indivíduos. Beleza e identidade são constituídas por fatores diversos que vão desde a genética, o convívio social e a impressão que cada um tem de si próprio, até às interferências advindas das mais inesperadas experiências vivenciadas pelo indivíduo, uma vez que a identidade é plural, complexa, se desenvolve e se modifica em meio às experiências humanas.

No campo da estética, destacamos o Visagismo, um termo derivado da palavra francesa *visage*, que significa rosto. O conceito fora idealizado no ano de 1936, pelo cabeleireiro e maquiador francês Fernand Aubry. Segundo Aubry, o Visagismo consiste em arte. Desse modo, o visagista é o escultor do rosto humano, aquele que se utiliza da arte de embelezamento ou transformação do rosto por meio da utilização de cosméticos, tinturas e cortes de

cabelo. Portanto, é aplicado ao trabalho exercido por cabeleireiros e maquiadores em geral. Segundo o artista plástico Philip Hallawell, pesquisador dedicado aos estudos do Visagismo, o termo atualmente se refere a uma atividade profissional, mas que, na realidade, é exercido por toda mulher que se maquia, embora, obviamente, em nível amador. Hallawell (2009) vem elucidar que a linguagem visual interfere na construção de uma identidade pessoal:

Ao falar de identidade, estou me referindo ao que o rosto expressa do ser das pessoas, algo muito mais profundo do que simples reconhecimento físico. Essa questão raramente é discutida na área da beleza. No entanto é fundamental [...]. (HALLAWELL, 2009, p. 37)

O mesmo autor afirma, ainda, que são poucos os indivíduos capazes de se reconhecer e, a partir disso, desenvolver uma imagem que seja de fato eficaz e que reflita quem verdadeiramente são, pois “[...] a maioria não tem conhecimento da linguagem visual para criar uma imagem conscientemente ou suficiente inteligência visual para desenvolvê-la de maneira intuitiva [...]” (HALLAWELL, 2009, p. 38).

Defronte a essas contribuições teóricas, podemos perceber que a estética, embora compreendida como ciência do belo, é ainda pouco explorada e valorizada no plano da individualidade, estando relegada a questões do campo da banalidade, como se não participasse da construção identitária do indivíduo. No domínio das artes, por exemplo, estudos sobre o belo alcançam destaque desde a Antiguidade. Na Literatura, mais especificamente, o belo influenciou seus artistas, sobretudo poetas, constituindo muitas das teorias que compreendiam e definiam a arte poética. Porém, quando visitamos o campo humano ou buscamos estudos acerca da compreensão do indivíduo e sua relação com o eu e com os outros, a estética perde seu destaque e é alocada em segundo plano, como se não impactasse a construção identitária ou não interferisse nas relações sociais. Nessa perspectiva, é significativa a afirmação do sociólogo Stuart Hall (2003) a respeito de identidade e sociedade:

Uma vez que as identidades mudam de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é às vezes descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2003, p. 21, grifo do autor)

Pautados nesse prisma, é relevante pensarmos na complexidade da formação da identidade individual no campo da Literatura e da criação das personagens a partir da construção de suas identidades, suas características físicas ou como são definidos esteticamente – se a beleza é natural ou construída, por exemplo. Durante o processo de concepção de uma

personagem, o autor pode ou não ter a consciência de que, ao engendrá-la, cada detalhe expressa algo que a fortalece, dizendo sobre aquele indivíduo ou até mesmo o afastando da proposta do enredo em questão. As características físicas de uma personagem, em diálogo com aspectos atrelados à sua subjetividade, constituem sua identidade, contribuindo para realçar a discussão presente no texto literário.

Os textos publicados por Clarice Lispector nas colunas de jornais, assim como o padrão estabelecido na época, tal como destacado por Sant’Anna (2014), apresentam imagens fixas de um perfil feminino, com dicas e sugestões para que a mulher seguisse um ideal de beleza e de comportamento. Nos dias atuais, em contrapartida, percebemos uma sociedade cujo olhar encontra-se mais liberto de tais questões, o que possibilita uma autenticidade em ser e fazer o que realmente representa cada indivíduo e não um gênero – ou pelo menos, em parte, pois ainda somos influenciados por modismos. A maquiagem que correspondia a algo intencional e era padronizada tendendo ao feminino, por exemplo, atualmente ganha uma nova conotação que reflete a liberdade de escolha, o individual, a preferência de cada um, respeitando os estilos e o biotipo. Assim, a maquiagem, em um conceito mais fluido, não é o que vai tornar uma mulher mais feminina, mas, na realidade, irá revelar quem ela é. Cada vez mais diversificada e individualizada, a maquiagem sustenta as preferências de cada indivíduo – e não apenas tendências.

Cabe, então, um questionamento já passível de resposta: textos ficcionais, como a narrativa elencada no presente artigo, não teriam sua gênese, também, nesse tipo de movimento, ao contribuírem para que a mulher leitora, impelida à reflexão por meio dos textos, passasse a questionar sua própria condição feminina e as imposições às quais estava fadada? Os estudos acerca do feminino em Clarice Lispector, em muito, apontam que sim. Autoras como ela foram e representaram o início deste movimento de empoderamento, que atualmente está em voga na sociedade ocidental. Reconhecemos que, para a adequada abordagem sobre este tópico, tais estudos bastam. Portanto, não iremos, por ora, enveredar por tais questões.

Nosso propósito é analisar com mais atenção um ponto específico que também contribui para essa constatação, mas que fora pouco explorado por pesquisadores. Pensar questões femininas, a despeito de refletir acerca das relações sociais, do papel de mãe, esposa ou dona de casa, consiste também em refletir sobre o papel da beleza na construção feminina e, com isso, pensar a questão da maquiagem e da moda mediante a importância que lhes foram atribuídas, tanto na história da Humanidade quanto na construção social do gênero feminino.

Logo, para melhor entender a questão da feminilidade no âmbito social, assim como o papel da beleza na construção da identidade feminina, faz-se necessário, primeiramente,

compreender o papel da Literatura, sobretudo aquela produzida por Clarice Lispector na constituição da sociedade e do pensamento social. Para tanto, na próxima seção apresentaremos uma breve abordagem crítica acerca do conto selecionado para este *corpus*. Faz-se salutar, para o aperfeiçoamento dessa discussão, trazer algumas considerações sobre a escrita de mulheres e a Literatura Feminina a fim de também imergirmos em questões vinculadas ao gênero.

O papel da Literatura na constituição da sociedade e da subjetividade

A definição de Literatura guarda íntima relação com o campo da beleza, já que possibilita ao leitor a sensação de prazer e emoção ao debruçar-se sobre o texto literário, tornando-se um meio de expressão que fornece aos indivíduos a capacidade de reflexão sobre a maneira de conceber a vida e vivê-la. Dessa maneira, ao fazer uso de determinado conjunto de campos discursivos que se relacionam e expressam poder, a Literatura auxilia na formação do pensamento social por meio de conceitos considerados adequados para a construção ideológica da nação e da sociedade (SANTOS, 2008).

Conforme demonstrado por Campos (1992), a autoria feminina anterior ao século XX era socialmente inferiorizada, mediante estereótipos galgados na sociedade patriarcalista. Dito isso, para que as autoras do século XX em diante pudessem desempenhar seu ofício com autoridade, fora necessário que suas predecessoras lutassem bravamente pela conquista da escrita literária feminina:

Para definir-se como autora, a mulher teria que redefinir então os próprios termos de sua socialização: a busca de modelo feminino, de precursoras, estaria ligada ao desejo de legitimação, quando o gênero é percebido dolorosamente como um obstáculo ou uma inadequação, pela internalização da inferioridade com que o patriarcalismo a vitimou. (CAMPOS, 1992, p. 120)

Diante de todos os avanços alcançados no século XX no Ocidente, devemos destacar a figura feminina enquanto conquistadora do mercado de trabalho – papel até então reservado preferencialmente ao homem. É a partir desse momento que a mulher passa a questionar o seu real papel no interior da sociedade, ou seja, passa a questionar o seu destino de mulher, voltando-se, sobretudo, para aquele que a conduz a atuar como mãe e esposa. A pesquisadora Adriana Aparecida Abrantes (2008) elucida essa questão, traçando um paralelo entre a nova fase experienciada pela mulher e o advento de uma nova etapa relativa à Literatura de autoria feminina:

Nesse contexto, a literatura feminina dos anos de 1970 e 1980 tematiza, insistentemente, as consequências da sujeição da mulher ao poderio patriarcal. Na medida em que abre caminhos para revelar as representações culturais, a narrativa expressa o conflito da mulher que se conscientiza da escravidão mascarada de realidade nos domínios do lar e das barreiras encontradas na fuga da alienação. Uma mulher que toma consciência do abuso do poder e questiona a condição de desigualdade a que está submetida, começando a buscar a própria subjetividade, embora dividida entre os padrões vigentes e a urgência de liberdade. (ABRANTES, 2008, p. 14)

Corroboram essa visão as estudiosas Prazeres e Ribeiro (2015), reiterando as modificações ocorridas no século XX e considerando os eventos econômicos e políticos como propulsores da incorporação feminina ao mercado de trabalho. Tais eventos certamente garantiram maiores alcances às causas feministas, fazendo com que o espaço feminino fosse respeitado e ampliado. Por conseguinte, essas conquistas se refletiram na Literatura Feminina. Ainda acerca desse tópico de discussão, as pesquisadoras aludem:

Durante os anos setenta, houve o auge dos movimentos sociais questionadores da ordem operante, momento em que o feminismo buscou caminhos de ruptura epistemológica, paradigmática e a construção de novas formas de interpretar a realidade da mulher desde o ponto de vista sociopolítico. (PRAZERES; RIBEIRO, 2015, p. 150)

A partir do exposto, podemos afirmar que o século XX constituiu um marco no paradigma da relação masculino-feminino, já que tal relação fora alterada de modo substancial. À exemplo disso, o sistema familiar, engendrado há séculos no meio social, também foi modificado: a figura feminina já não se vê protagonista somente das relações domésticas às quais era comumente atribuída, mas sim, personagem principal de uma nova era que iria desmistificar tradicionais paradigmas preconceituosos e patriarcais. Todas essas mudanças, segundo as autoras aqui elencadas, possibilitariam novos ecos a uma nova Literatura Feminina.

Conforme aponta Abrantes (2008), a escrita agora deixa de ser uma atividade restrita aos homens e passa a constituir descobertas estritamente femininas. Os textos ficcionais escritos pela figura feminina passariam a conceder voz aos diversos conflitos sociais enfrentados pelas mulheres. Questões como a posição social imposta ao gênero feminino foram colocadas em xeque, análise que podemos verificar no trecho abaixo:

O espaço da escrita se tornou um meio para a libertação. Nele, a mulher vai além de seu sexo. Ela pode transgredir a lei, expor o desejo ou desabafar o sofrimento da opressão. A liberação do corpo feminino, tema que se torna muito presente na literatura, vem acompanhada de uma liberação da linguagem. A mulher escritora, na medida em que toma posse do próprio corpo, fala dele, ainda que haja o temor da culpa, do medo ou da repressão por parte da sociedade e da crítica literária. (ABRANTES, 2008, p. 18)

É nesse cenário que brasileiras como Helena Parente Cunha, Hilda Hilst e Clarice Lispector¹, por meio da disseminação de suas produções, indubitavelmente marcam o século XX. A partir do advento dessas escritoras, muitas vozes femininas se fizeram ouvir, trazendo uma nova perspectiva em resposta ao modelo cultural patriarcal. Logo, as autoras vieram a expressar um novo modelo de percepções e valores, promovendo uma fidedigna ruptura de viés cultural. Assim como descrito por Abrantes (2008), escritoras como Helena Parente Cunha trazem à luz questões sobre a condição feminina, expondo um mundo feminino reprimido, representado por conflitos de uma vida social, familiar e pessoal sem perspectivas. É comum encontrarmos, nas narrativas escritas por mulheres, personagens femininas que em um dado momento da narrativa apreendem “[...] consciência de si, redefinindo-se como sujeito por meio de um processo de autorreflexão [...]” (ABRANTES, 2008, p. 16). É curioso notar também que algumas autoras, como Cunha (1985) ou Clarice Lispector (1974), recorrem à figura do espelho, explorando-o como metáfora para a “[...] decisão da personagem de rever sua condição feminina [...]” (ABRANTES, 2008, p. 16). Desse modo, devido aos conflitos vivenciados, as personagens buscam descobrir o seu verdadeiro rosto, o qual há tempos fora perdido.

Em diversas literaturas é possível identificar a narrativa da subjetivação da mulher como bela e sedutora. A beleza é destinada às mulheres como um atributo natural. Corrobora com tal ideologia Georgia Sampaio Godoy (2009) ao apresentar, em sua pesquisa, o histórico de narrativas que de certa forma contribuiram para a construção da beleza feminina. Em sua dissertação, Godoy (2009) apresenta o caminho percorrido pela Literatura na constituição da beleza feminina, trazendo a importância da mulher em ser bela e se sentir assim:

A beleza é um atributo natural, mas pode ser amplificado pelo uso de estratégias de embelezamento. Essa beleza é reconhecida por uma coletividade. Dessa forma, a preparação da mulher, pelo ato de embelezar-se e pelo cuidado com seu corpo, por meio da utilização de ornamentos, objetiva seu reconhecimento social. Em todos os exemplos, a beleza da mulher é corroborada pela percepção do outro. Só é belo o que é reconhecido, daí a necessidade em saber se apresentar aos outros, estabelecendo padrões e modelos de uma beleza que é idealizada, pois é divina. O olhar do outro exerce desta forma um poder sobre a mulher, determinando-lhe regras e padrões de beleza institucionalizados socialmente. (GODOY, 2009, p. 89)

Com base nas considerações de Godoy (2009), ratificamos a importância da beleza na caracterização da identidade da mulher. Assim, a beleza poderá ser exaltada e evidenciada

¹ Ao apontar esses três nomes, não temos a intenção de afirmar que não existiam quaisquer outras autoras de maior importância no cenário descrito. Cabe salientarmos que nossa intenção, neste momento, se refere apenas a exemplificar alguns dos nomes de destaque.

por meio da utilização de adereços, ornamentações e técnicas de embelezamento. Nesse sentido, para que seja considerada bela, a mulher deve sucumbir às imposições feitas pela sociedade. Com isso, há de se mencionar o poder da sociedade na subjetivação da mulher. Vislumbradas pela ficção, as mulheres buscam reproduzir o padrão de beleza que está sendo transmitido na época vigente. Quando falamos em modelo ou padrão de beleza, estamos nos referindo a um conjunto de atributos, tais como os cuidados com o corpo, a vaidade e a jovialidade. Ao enaltecer a beleza, a mulher se materializa como objeto de desejo masculino. Surge, assim, o condicionamento da figura feminina às regras instituídas historicamente e impostas pela sociedade.

Como já dissemos, a beleza da mulher é condicionada pelo coletivo. Tal fato vem exposto nas narrativas, representando a mulher como figura que constantemente recorre a determinado padrão de beleza, visando conquistar a admiração dos indivíduos ao seu redor. Buscando agradar o interesse coletivo, a mulher se mascara, omitindo sua real identidade, cobrindo-se de uma faceta que desperta olhares e atenção. Nessa reformulação, a beleza deixa de ser um atributo natural da mulher e torna-se uma técnica de embelezamento, ou seja, a beleza é considerada uma ferramenta imprescindível na arte da sedução. Além disso, é preciso subscrever a posição da mulher em adornar-se conforme o modelo de mulher bela estabelecido pela sociedade, modelo este que define e dita como a mulher deve se apresentar em ambientes sociais.

Tendo em vista o enfoque do presente artigo, cumpre destacarmos a Literatura clariceana na constituição da beleza e identidade feminina, baseando-nos no conto *A procura de uma dignidade*, publicado no livro *Onde estivestes de noite*, no ano de 1974.

Sr.^a Jorge B. Xavier: o papel da literatura crítica clariceana na construção/constituição da identidade feminina

No conto em análise, temos como protagonista uma mulher já com idade avançada, de classe social privilegiada, que carrega em seu nome a identificação do marido. A protagonista do conto é descrita como frágil e totalmente desamparada, visto não possuir um importante papel no âmbito social ou no plano individual. No cenário apresentado, a pesquisadora Francisca Liciany Rodrigues de Sousa (2011) apresenta posicionamento análogo ao defendido neste *corpus* ao salientar que

[...] de início, a imagem construída da mulher aparenta fragilidade e desnorreamento. A senhora procura, nos corredores do estádio do Maracanã, um evento cultural no qual havia marcado encontro com alguns conhecidos. Deparamo-nos, logo de início, na mulher perdida e sozinha na imensa ausência. Já que o estádio

vazio marca uma falta tão enorme como pode ser a multidão que o local consegue abrigar [...]. A solidão e a impossibilidade de se compreender o que se passa tornam a figura da personagem de uma fragilidade desconcertante, pois também assim parece para a senhora sua própria condição. (SOUSA, 2011, p. 56)

A narrativa clariceana em questão promove o questionamento acerca da solidão feminina, sobretudo em mulheres idosas e socialmente desamparadas. Embora a personagem relute em viver de aparências sob uma máscara, quando se olha no espelho se dá conta do enorme vazio que é a sua vida, visualizando não apenas sua imagem exterior, mas também aquela de origem interior. Logo, no momento em que a personagem toma conhecimento de sua verdadeira identidade, a máscara que usava torna-se estranha ao seu rosto.

Também devemos destacar, com relevância, a abordagem de questões vinculadas à sexualidade. A ilusão em ser possuída por seu ídolo Roberto Carlos desperta o desejo pela sexualidade na personagem. Entretanto, esta percebe que não é ninguém e, por esta razão, é incapaz de despertar a cobiça ou o desejo alheio. Deste modo, acaba por também relutar em sentir desejos. A personagem põe-se em conflito frente à sua idade e, por conseguinte, seu corpo ao longo de toda a narrativa. Gabriela Ruggiero Nor, autora do artigo *Nos labirintos do maracanã: leitura de A procura de uma dignidade, de Clarice Lispector* (2013), exemplifica o conflito interno apresentado pela personagem entre seu destino e seu desejo, o qual renascera:

Desejo fora de época, coisas fora do lugar em seu próprio corpo: o desconcerto que ela sente ao se dar conta de que não deveria estar dentro do estádio, a inadequação e o cansaço extremo quando finalmente chega ao local certo, são reencenados em seu próprio corpo, que parece não comportar o desejo de forma adequada. Este desejo, assim como a “gingiva” está presa ao “figo seco”, se mantém, de certa forma, represado em seu corpo. Não há porta de saída [...] De seu “destino”, palavra usada várias vezes no texto, resta a desconfortável certeza de que o rosto no espelho não *a significa*, e que esta “passagem” à idade de 70 anos – lenta, conforme ela sente o peso de seu corpo – não se articula satisfatoriamente com o desejo sexual. Assim, ela, também, é uma personagem “limítrofe”, presa a uma indeterminação subjetiva, à referencialidade imediata de seu corpo idoso e, ao mesmo tempo, presa de um desejo que ela a duras penas reconhece, e que a perturba, porque não se encaixa ao que ela esperava de si mesma. (NOR, 2013, p. 114 - 115, grifos da autora)

A partir das considerações de Nor (2013), ratificamos a existência do conflito interno enfrentado pela personagem. Por seu turno, seu exterior encontra-se em um movimento de estranhamento. Um traço marcante na narrativa da personagem Sr.^a Jorge B. Xavier consiste na não aceitação de seu exterior natural, ou seja, a aceitação do seu corpo sem o uso de artefatos que o mascarem. Desse modo, há a presença da culpa no momento em que a personagem sente desejo, afluindo sua sexualidade, pois a narrativa do conto imprime a impressão de que a personagem é demasiada velha para sentir tais questões.

No tocante às questões atreladas à sexualidade, a narrativa do conto em análise não traz explicitamente o termo sexo, mas sim “aquilo”, fato que acaba por fomentar ainda mais a discussão da idade avançada da protagonista do conto, concomitantemente às questões sexuais engendradas pelo meio social. Contrastando com as citações anteriores, Rodrigues de Sousa (2011) aponta a condenação da sexualidade feminina por meio dos códigos sociais da época, presentes no conto. Afinal, não seria de bom grado a uma mulher de quase setenta anos de idade falar abertamente sobre sexo – desejo – ou ter interesse por ele:

A personagem foi criada dentro da moral e dos bons costumes da época, para ela “quebrar” as barreiras do pudor imposto era algo tão traumático que até no âmbito da linguagem era perpetuado, ela não conseguia pronunciar o ato sexual, apenas proferi-lo através de eufemismos como “aquilo” e “daquilo”. (SOUSA, 2011, p. 4, grifos da autora)

Desse excerto podemos extrair que a personagem em questão tenta reprimir os desejos que sente pelo fato de nunca conseguir obter sucesso em realizá-los. É um sentimento de impotência que conduz a personagem pela busca incessante de sua dignidade e, consequentemente, de sua identidade. Assim, mais uma vez percebemos que a Literatura clariceana aborda temas postos à margem da sociedade. Ao nos apresentar à Sr.^a Jorge B. Xavier, a autora coloca em dúvida o questionamento acerca da figura feminina e sua forma de representação na sociedade. Ao levantar essas questões, a escritora possibilita que inúmeras mulheres encontrem ecos de si nas narrativas clariceanas. O fato da protagonista se importar excessivamente com sua representação na sociedade leva à compreensão de que a Sr.^a Xavier é uma mulher que buscava viver de aparências por intermédio da utilização de uma máscara que cobria sua real identidade – já que o seu exterior, assim como o interior, estava arruinado. A narrativa traz o gosto da personagem em sentir-se jovem: “[...] por fora ninguém adivinhava que tinha quase setenta anos, todos lhe davam uns cinquenta e sete [...]” (LISPECTOR, 1999, p. 10).

A personagem, almejando a beleza ditada pela sociedade, busca viver de aparências para sentir o fervor da jovialidade perdida, como aludido no trecho abaixo, elucidado por Nor (2013):

Ela, que em sua busca por dignidade iniciara o conto procurando o local de uma conferência cultural – eventos que ela não perdia, para que pudesse ficar “jovem por dentro” - termina o texto com a fixação por uma figura popular, afastada da aura de erudição dada aos eventos que ela frequentava em busca de cultura. Há um descompasso completo entre os seus *eus*, com a ideia de juventude contrastando com a percepção do corpo cansado, que lhe é extremamente desconfortável. O conto é o testemunho de uma mulher que não está acostumada às mudanças de seu corpo, e que carrega a ideia de que também a velhice exige uma forma específica de comportamento, de adequação, para que funcione – e ela não

funciona, a protagonista do texto, ao menos não nesses termos. (NOR, 2013, p. 114, grifos da autora)

Feitas algumas considerações, avaliamos que a Literatura de Clarice Lispector, em especial o conto aqui apresentado, exerce um papel salutar na constituição da identidade feminina, sobretudo ao explorar questionamentos acerca da beleza. O conto trata de uma personagem cambiante que se divide entre o que a sociedade patriarcal espera dela, tanto no comportamento, na postura e na beleza, quanto no que concerne àquilo que o íntimo realmente deseja ser. Aquilo que a sociedade espera da mulher está paralelamente refletido na maneira como se veste e se maquia e tais relações contribuem para a fragmentação dessa mulher. Perante tais considerações, nos recordamos, a tempo, do papel de jornalista que Clarice Lispector exerce entre os anos de 1950 e 1960. Em sua nova função relativa à escrita sobre assuntos femininos dedicados às mulheres, a autora exerce um importante papel na constituição da identidade e da beleza feminina.

A busca constante pela beleza ideal e padronizada é algo automatizado nas mulheres – não porque elas não gostem de quem são, e sim porque elas nem sabem quem são de fato. Tal situação remete à figura da mulher partida, sendo que, a esse respeito, é importante trazeremos, novamente, o pesquisador Claudio Carvalho (2001) em análise à Hilda Hilst no que tange às identidades transitórias. Dito isso, é autêntico afirmar que sempre houvera um padrão social de figura feminina, imposto como referência e modelo. Para que pudessem corresponder a esse referido padrão, as mulheres desconsideravam seus atributos naturais, mesmo que fossem bonitos ou lhes agradassem, para se transformarem no modelo imposto.

Se, no conto em análise, temos como exemplo uma personagem que procura alcançar de toda forma esse ideal de beleza, podemos dizer que as mulheres, na atualidade, também anseiam por se sentirem melhores. No entanto, ao contrário da Sr^a. Jorge B. Xavier que não se reconhecia sem a maquiagem ou sem a presença masculina, atualmente, os indivíduos buscam na maquiagem um autoconhecimento, por exemplo, por meio da automaquiagem, que representa uma forma de independência feminina, uma vez que, quando o indivíduo se reconhece, ele mesmo pode se maquiar, valorizando sua beleza. Decorre dessa dinâmica, também, uma grande conquista do feminino: ao contrário de adotar a estética para tornar-se aquilo que o padrão estabeleceu como ideal, as mulheres contemporâneas a utilizam para destacarem e fixarem quem são.

Com isto, não estamos afirmando que há, para as mulheres da contemporaneidade, uma verdade absoluta acerca da própria identidade. Isso porque não nos embasamos, nesta discussão, nos estudos provenientes das áreas de Psicologia ou Filosofia, bem como não

partimos de constructos teóricos que nos permitiriam tal afirmação. Porém, considerando os padrões de comportamento que nortearam a história da mulher no Ocidente e sua relação com o patriarcado e com as imposições da estética, brevemente apresentados aqui, podemos inferir que a Sr.^a Jorge B. Xavier, ao ter se questionado, permitiu que outras mulheres também o fizessem, deixando um legado significativo para as mulheres de hoje. Não obstante existam outros tipos de imposições que por ora não discutiremos, reconhecemos que nossa análise abre espaço para que outros pesquisadores explorem ainda outros caminhos derivados daquele que aqui seguimos, validando ainda mais a riqueza de perspectivas viabilizadas pela obra de Clarice Lispector.

ON THE OUTSIDE – SHE SAW IN THE MIRROR – SHE WAS SOMETHING DRIED UP, LIKE A DRY FIG: BEAUTY AND EXCHANGEABLE IDENTITY IN A CLARICE LISPECTOR TALE

ABSTRACT: This article proposes a perspective of reading the short story *The Search for a Dignity*, by Clarice Lispector, according to the conception that it is possible to identify the way the main character is formed based on the valorization of beauty. The predominance of aesthetics is illustrated through the use of makeup, fashion and other beautification devices by the character, either to mask herself or to become a more attractive woman. However, when this woman finds herself without makeup or accessories, there is a liberation that hurts her, leading to an identity crisis based on the real perception of the being and its interior. Therefore, this study implies that beauty cannot be seen as mere futility in the literary space, but as a forming element. In the short story, it is possible to glimpse the effort to be beautiful and demonstrate to the society an image that does not truly translate the inner self. Clarice criticizes the patriarchal culture of the time, deconstructing the stereotypes molded by the phallogocentric model. There is uncertainty in the main character as to be what the patriarchal society expects, in terms of behavior and beauty, or to be what she really wants in her heart. Based on the analysis of the forged masks of the changing characters in Claricean Literature, this article contributes with reflections on the female figure as a singular and integral subject of society.

KEYWORDS: *The Search for a Dignity*; Beauty; Clarice Lispector; Female identity.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Adriana Aparecida. *Ecos da sociedade patriarcal em Mulher no espelho*. 2008. 80 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da literatura)-FALE/UFJF, Juiz de Fora, 2008.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: Jobim, José Luís (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Editora Limitada, 1992.
- CARVALHO, Cláudio. A mulher no vão da escada. In: CUNHA, Helena Parente (Org.). *Desafiando o cânone (2): Ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.
- ECO, Umberto. *História da beleza*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- GODOY, Georgia Sampaio. *Narrativas e lugares de constituição do Sujeito mulher: um recorte de memória*. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade)-Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da conquista, 2009.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALLAWELL, Philip. *Visagismo: harmonia e estética*. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.
- _____. *Visagismo integrado: identidade, estilo e beleza*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- _____. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- NOR, Gabriela Ruggiero. Nos labirintos do maracanã: leitura de a procura de uma dignidade, de Clarice Lispector. *E-scrita*. Revista do Curso de Letras da UNIABEU, Rio de Janeiro, n. 4, n. 3, p. 102 - 116, mai./ago., 2013. Disponível em: < http://revista.unia-beu.edu.br/index.php/RE/article/viewFile/697/pdf_79 >
- Acesso em: 16 de set. de 2020.
- PRAZERES, LÍlian Lima Gonçalves dos; RIBEIRO, Adelia Miglievich. Gêneros, performances e trânsitos no conto Ele me bebeu de Clarice Lispector. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, n. 28, v. 2, p. 148 - 175, jul./dez., 2015.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- SANTOS, Alessandra Rufino. *A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro*. Roraima, 2008. Disponível em: < <https://revista.ufrr.br/examapaku/article/view/1466/1060> >
- Acesso em 16 de set. de 2020.
- SOUSA, Francisca Liciany Rodrigues de. *A tragicidade nas personagens femininas de Onde estivestes de noite e a Via crucis do corpo*, de Clarice Lispector. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- SOUZA, Tayza Codina de. *Espaço e identidade: representações do feminino em Clarice Lispector*. Florianópolis, 2013. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/36359829-Espaco-e-identidade-representacoes-do-feminino-em-clarice-lispector.html> >

Recebido em: 16/09/2020.

Aprovado em: 23/12/2020.